

ROQUETE PINTO NO SEU CENTENÁRIO*

Odilon Nogueira de Matos

Roquette Pinto é um dos nomes mais conhecidos no Brasil, especialmente porque serviu para designar importante prêmio nos domínios do rádio e da televisão. Todo ano dezenas de artistas são “roqueteados”, pois até este neologismo já se criou... Todavia, se perguntarmos às pessoas que têm feito jus ao troféu quem teria sido o patrono da significativa láurea, o mais que poderão saber — e isto, sem dúvida, encerra boa dose de verdade — é que ele foi um dos pioneiros, no Brasil, do rádio e da televisão (e ainda do cinema educativo) tendo lutado denodadamente para o reconhecimento do valor cultural destes importantes meios de comunicação. Porém, por muito significativo que isto seja, não é deste Roquette Pinto que desejo me ocupar, associando nossa Academia às comemorações do centenário de seu nascimento, mas do **outro** Roquette Pinto, inegavelmente uma das glórias da ciência brasileira.

Nascido no Rio de Janeiro a 25 de setembro de 1884 e na mesma cidade falecido a 18 de outubro de 1954, Edgard Roquette Pinto diplomou-se pela Faculdade de Medicina da antiga Capital Federal em 1905. Todavia, em vez da clínica, enveredou pelo campo da pesquisa nas ciências naturais. Seus primeiros trabalhos, nesta área, referem-se aos sambaquis do Rio Grande do Sul, região que visitou em 1906 e sobre a qual publicaria em 1912 o livro **Excursão à região das lagoas do Rio Grande do Sul**. Ingressou para o quadro do Museu Nacional em 1906, como assistente da seção de Antropologia, e ao Museu continuaria ligado por toda a vida.

Profundo conhecedor da física, da química, da fisiologia e da antropologia, especializou-se nesta última, embora produzisse trabalhos sobre as demais, e ainda sobre mineralogia, matéria sobre a qual elaborou um dos primeiros, talvez mesmo o primeiro livro didático publicado no Brasil, levando-nos, assim, a dispensar o clássico manual francês de Langlebert. Isto, em 1918. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1927, na vaga de Osório Duque Estrada, tomou posse a 3 de março do ano seguinte, tendo sido recebido por Aloísio de Castro. Dois anos depois, na mesma Academia, caber-lhe-ia receber a Afonso de Taunay.

O exercício da medicina entre os indígenas da América, de 1906, abre sua valiosa embora não muito numerosa bibliografia. Bibliografia, na qual, excetuados os trabalhos de circunstância, produzidos a propósito de comemorações significativas, demonstra profundo interesse

(*) Conferência proferida na Academia Campinense de Letras, em dezembro de 1984.

para com os mais variados temas da cultura brasileira, notadamente nas áreas da antropologia e da etnologia. O depoimento de Américo Jacobina Lacombe, que bem o conheceu, é bastante expressivo e não me furto ao prazer de transcrevê-lo: “Quem teve a felicidade de conhecer e lidar com Roquette Pinto, guardará sempre a lembrança da impressionante capacidade de atração e a sensação profunda de respeito por uma alma cujo idealismo transparecia em todas as suas manifestações. Uma aura de simpatia envolvia todas as suas pregações, jamais contundentes nem agressivas. É este sentimento de cordialidade e amor ao diálogo, como hoje está na moda dizer, que transparece em todas as páginas deste livro”. Este depoimento foi feito a propósito de uma nova edição de **Rondônia**. Mas poderia ser adequado a tudo quanto o mestre escreveu, mesmo nos seus trabalhos menores, meramente circunstanciais, a que me referi. Naturalmente — é óbvio — nem todos se revestem do sentido de permanência que há em **Rondônia**, e mesmo este encerra páginas que precisariam ser revistas à luz de uma nova metodologia ou de novas pesquisas no campo da etnologia e da antropologia, as quais revolucionaram em muito estas ciências.

Roquette Pinto foi um pioneiro neste campo de estudos, como o foram, em áreas próximas ou afins, Sílvio Romero, Manuel Bonfim, Teodoro Sampaio, Oliveira Viana e Alfredo Ellis Júnior, para citar apenas os mais conhecidos. Nenhum deles teve formação específica que os habilitasse a serem antropólogos ou etnólogos. Mas, interessaram-se por estas matérias e num milagre de autodidatismo, fizeram grandes coisas. Aliás, isto era uma contingência das condições da cultura brasileira da época, quando ainda não tínhamos formação especializada. “Engenheiros que se tornavam geólogos ou mineralogistas — escrevi de certa feita — médicos que se faziam de químicos, botânicos, zoólogos, antropólogos, bacharéis em direito que se improvisavam em sociólogos, geógrafos ou historiadores, resultavam de uma contingência a que se não podia furtar; numa época em que a formação especializada era praticamente inexistente em nosso País. Mas, tal a capacidade de dedicação desses homens de ciência, que se revelaram grandes geólogos, mineralogistas, químicos, botânicos, zoólogos, antropólogos, mesmo sem terem recebido formação universitária específica. Foram os grandes pioneiros que sustentaram a ciência brasileira até que os especialistas aparecessem e, não raro, foi com eles que os novos especialistas aprenderam...”¹ Isto posto, ou melhor, isto dito, permito-me passar a uma rápida análise da obra de Roquette Pinto.

De 1927 é o volume **Seixos Rolados**. O autor explica, à guisa de moto, o porque da associação geológica que lhe forneceu o título: “Quando se fragmentam grandes blocos de rochas ígneas, ao embate das

(1) São Paulo na obra de Teodoro Sampaio, em “Revista da Academia Paulista de História, nº 1, p. 57. São Paulo, 1981.

forças que vivem torturando a terra, nos remoinhos das aluviões, seguem de roldão os estilhaços para o fundo dos rios. A água corrente vai, aos poucos, atritando-os, desgastando-os, polindo-os: são simples seixos rolados..." Todavia, o autor deixou de explicar talvez o mais importante: entre esses seixos rolados não há dois iguais, embora na forma e mesmo ao olhar dos não especialistas em geologia, sejam todos semelhantes. Assim o seu livro: reunião de numerosos pequenos estudos, alguns já publicados anteriormente. Tão diversos, tão diferentes quanto ao assunto, mas tendo em comum o sentido de brasilidade, bem polidos, tais como os "seixos rolados" da imagem geológica que o autor evocou. Neste volume, talvez como peça mais importante, Roquette Pinto incluiu a conferência **Euclides da Cunha, naturalista**, publicada em opúsculo alguns anos antes.

De 1933 são os **Ensaio de antropologia brasileira**, que abrange tópicos variados, desde migrações do Nordeste para as fazendas do Sul, até uma página comemorativa do centenário de Gall, na qual, aliás, trata mais do neurologista Clauss, cujo trabalho, publicado em Munich em 1929 pareceu-lhe "uma ressurreição das idéias frenológicas de Gall", o homem de gênio "que a ciência oficial tanto combateu e a sátira dos contemporâneos quase inutilizou". Entre esses dois temas, encerra o livro uma nota sobre os estudos antropológicos em Portugal, um estudo sobre os fatores biológicos da mortalidade entre os negros, outros tópicos sobre problemas de povoamento no Brasil e de cruzamentos da espécie humana; uma série de comentários a um congresso de eugenia realizado no Rio de Janeiro em 1929 e uma nota a propósito de um concurso de beleza. É-me grato evocar este livro, pois foi por ele que travei conhecimento com Roquette Pinto. Não só passei a apreciá-lo, como de então por diante interessei-me em ler o que encontrei de sua autoria. Estava terminando o curso secundário quando o livro apareceu, integrando a preciosa coleção "Brasílica", da Companhia Editora Nacional. Tomei-me de interesse por essa coleção e com as poucas economias que podia fazer comprava todos os volumes à medida que iam aparecendo. A coleção despertou enorme receptividade. Parece que se estava à espera de algo desse tipo: uma coleção que apresentasse temas brasileiros nas mais diversas áreas do conhecimento. A partir dos **Ensaio de antropologia brasileira**, Roquette Pinto passou a usar a expressão "brasílico" ou "brasiliense" em vez de "brasileiro". Américo Jacobina Lacombe diz, em certo momento da apresentação da segunda edição deste livro: "o autor recusava-se a empregar a expressão **brasileiro**, designativa de profissão e não de nacionalidade". Ocorre, entretanto, que tal aconteceu apenas a partir dos **Ensaio de antropologia brasileira**, de 1933, Até então, e em todos os seus escritos

anteriores, Roquette Pinto utilizava, como, aliás, todo mundo, a expressão “brasileiro”. De 1933 em diante, e até o seu falecimento, vinte anos depois, de fato ele nunca mais a utilizou, preferindo sempre “brasiliano”.

De 1929 é o opúsculo **Glória sem rumor**, conferência proferida em Blumenau na inauguração da bela estátua de Fritz Müller, no dia 20 de maio daquele ano. A publicação foi promovida pelo Museu Nacional. É aventurosa, quase cinematográfica, a vida de Fritz Müller. Nascido na Alemanha em 1822, doutorou-se em filosofia e em medicina, dedicando-se ao estudo da botânica e da zoologia. Emigrou para o Brasil em 1852, fixando-se na colônia fundada pelo dr. Blumenau, no vale do Itajaí-açu. Dedicou-se a trabalhos árduos na lavoura, enquanto, nas horas vagas, correspondia-se com Haeckel e Darwin e realizava pesquisas que lhe permitiram escrever memórias valiosíssimas, reunidas, após seu falecimento, em quatro alentados volumes. De sua obra, escreveu Roquette Pinto: “Pela sua originalidade e alcance filosófico, pela repercussão que teve, a obra de Fritz Müller é um dos maiores monumentos científicos criados na América do Sul”. E acrescenta: “Seu nome não é citado correntemente como os de Martius, Saint-Hilaire ou Bates, apenas por ter espalhado seus escritos em publicações periódicas, técnicas e científicas, nada populares; e por outro lado, a maior parte de suas pesquisas pertence ao que há de mais especializado em matéria de biologia”. Desentendendo-se com o dr. Blumenau, Fritz Müller foi para Desterro (Florianópolis) e ali por dois anos foi professor no Liceu Catarinense. Viveu depois muitos anos em Itajaí, onde também foi professor. Retornando a Blumenau em 1876, ali viveu até o seu falecimento em 1897. O opúsculo de Roquette Pinto é uma bela biografia do sábio alemão, contendo, inclusive, a transcrição de alguns de seus trabalhos literários. Foi incorporado ao livro **Ensaio brasileiro**, do qual, a seguir, me ocuparei, e mais recentemente (1979) foi reeditado pela Fundação Casa Dr. Blumenau, da importante cidade catarinense.

Ensaio Brasileiro foi publicado também na coleção “Brasiliiana”, em 1941. Trata-se, tal como **Seixos rolados**, de um livro-miscelânea, em que o autor reuniu numerosos escritos, sobre os mais variados assuntos, porém todos dentro de uma temática “brasiliiana” e alguns deles publicados anteriormente em jornais e revistas culturais. À primeira parte do livro, Roquette Pinto deu o mesmo título da conferência sobre Fritz Müller — **Glória sem rumor**. E além de reproduzir a mencionada conferência, acrescentou-lhe mais páginas sobre Frei Leandro, Alberto Torres, Henrique Morize, Tobias Mõscoso, Amoroso Costa, Ferdinando Laboriau, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Carl von den Steinen, Emile Schnetlage, Manoel Bonfim, Cláudio Manuel da Costa, Ferreira da Silva, Miguel Couto, Charles Frederich Hartt, Louis Agassiz e Orville Derby. A segunda parte — **Inspirações da terra** — compreende crítica de livros, com capítulos dedicados a Euclides da Cunha, Tobias Barreto, ao livro de

nomes de nosso mundo científico: Alberto José de Sampaio, Álvaro Osório de Almeida, Melo Leitão, Olímpio da Fonseca Filho, Fábio Werneck, Heloísa Alberto Torres e Raimundo Lopes. As numerosas edições de **Rondônia** atestam não apenas o seu valor, mas igualmente o seu sentido de perenidade, o que, infelizmente, não acontece com a maior parte de seus trabalhos anteriores, em grande parte superados. Eis porque pareceu-me fora de propósito a reedição dos **Ensaio de antropologia brasileira**, em 1978, por ser exatamente o mais superado de seus trabalhos. Com **Rondônia** acontece justamente o oposto: o interesse em torno do livro tem crescido com o correr dos anos. E mais ainda: justificou sua tradução para a língua alemã, pela Dra. Etta Becker-Donner, publicada pela casa de Wilhelm Braunmüller, de Viena e de Stuttgart, com o título **Rondônia: eine Reise in das Herzstück Südamerikas**.

Pode-se afirmar, sem medo de erro, que **Rondônia** foi o primeiro livro científico de autor brasileiro sobre o centro-oeste de nosso País, área sobre a qual até então só se tinham as monumentais obras de Carl von den Steinen e de Fritz Krause, quase inacessíveis ao leitor brasileiro, embora traduzidas para a nossa língua. Publicadas em revista científica, ao longo de mais de vinte volumes, nunca foram tiradas em livro. Apenas uma das obras de von den Steinen — **Brasil Central** — encontra-se publicada na coleção “**Brasiliana**” (grande formato), mas nunca foi reeditada e é hoje extremamente rara, quase tanto quanto a edição original alemã, de 1886. **Rondônia**, de Roquette Pinto, faz boa figura entre estes clássicos de nossa etnografia.